



PRECONCEITO LINGUÍSTICO: (DES) CONSTRUINDO A LÍNGUA

Soila Canam (PPGL-UNEMAT)¹
soilacanam@yahoo.com.br

Cristiane Schmidt (UFPA/PPGL-UNEMAT)²
schmidt@ufpa.br

A Linguística, como Ciência da Linguagem, procura descrever e explicar os fenômenos linguísticos. Com base nessa premissa, a Linguista “não condena certas maneiras de falar, não as declara inexistentes, não prescreve como se deve falar, mas procura descrever e explicar as construções e as formas linguísticas” (FIORIN, 2013, p. 37).

Para tanto, a Linguística debruça-se sobre alguns objetos teóricos, tais como a língua, a competência, a variação, a mudança e o uso, visto que “torna-se impossível desvincular os fatos de linguagem dos fatos sociais” (LABOV, 2008, p. 02); sendo que concepções diferentes sobre esses objetos levam a construtos teóricos e decisões metodológicas diversas.

Considerando essa delimitação inicial, este ensaio teórico tem por objetivo apresentar uma breve discussão sobre preconceito linguístico, tendo como referencial teórico basilar Marcos Bagno, assim como outros teóricos que dialogam com a Sociolinguística.

A língua, na perspectiva da Sociolinguística, é viva, plástica, heterogênea, dinâmica (SCHMIDT, 2015), (BAGNO, 2007) e, essas particularidades são inerentes a ela. De acordo com Marcos Bagno, para que uma língua exista, é preciso existir falantes, ou seja, o sujeito que usam a língua em contextos distintos de interação.

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Linguística (Mestrado e Doutorado) da Universidade do Estado de Mato Grosso – Carlos Alberto Reyes Maldonado (UNEMAT), Câmpus Universitário “Jane Vanini” em Cáceres-MT.

² Professora Doutora do Curso de Letras/Alemão da Universidade Federal do Pará (UFPA) e do Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Linguística da UNEMAT.



Ao tratarmos da língua portuguesa, é preciso considerar as línguas de contato, especialmente, em função da colonização do nosso país. Segundo Heye e Vandresen (2006), esse processo envolveu a língua indígena, africana, entre tantas outras nacionalidades que influenciaram na formação da nossa língua materna.

Desse modo, é preciso compreender que os elementos linguísticos sofreram mudanças em função desse contato e, serão evidenciados nas situações de comunicação durante os usos sociais sociocomunicacionais.

O contato linguístico possibilita as variações dentro da língua, e a sociolinguística se encarrega de observar e estudar esse fenômeno. “O contato entre as línguas é um fenômeno comum que faz parte da história linguística e social da maioria das fronteiras nacionais e nem sempre coincidente com as fronteiras linguísticas ou com os processos de imigração para outros países, com a colonização ou ocupação de outros países” (SILVA, 2011, p.15).

No bojo dessas discussões e esclarecimentos, entende-se que “o domínio da língua tem estreita relação com a possibilidade de plena participação social, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento” (BRASIL, 1998, p. 21).

Corroborando com o pensamento de Bagno, os PCN’s de língua portuguesa 1997, são claros quanto à proposta para a linguística educacional. Há preocupação em garantir que os estudantes tenham acesso aos saberes linguísticos. Além de saber como foram construídos, é preciso respeitá-los como marcas de identidade.

Na obra de Marcos Bagno intitulada “Preconceito Linguístico: o que é, como se faz?” (2007), o autor explicita seu posicionamento político, ideológico e metodológico. Claramente o autor evidencia seu respeito aos falantes, considerando as variantes/variações da língua.

Para o autor, a gramática normativa é inconsistente, porque os modelos apresentados, em formas fixas, não conseguem explicar o fenômeno vivo, mutável e



pluricultural, a língua. Outro ponto, interessante e significativo, é a ligação entre preconceito sociocultural e linguístico, que será apresentado a seguir.

Na concepção de Bagno, qualquer manifestação de preconceito é resultado de intolerância e ignorância. Vale ressaltar que, ao longo deste ensaio, o tema abordado será em torno do preconceito linguístico. Porém, a observação do teórico provoca reflexões a cerca da organização da nossa sociedade, uma vez que, o país é pluricultural, e essa particularidade refletirá nas variantes/variações da língua.

Considerando a língua como um dos objetos que representam poder, entende-se que, “negros, nordestinos, pobres, analfabetos” (BAGNO, 2007, p. 11), são pessoas potencialmente atingidas pelo preconceito, sobretudo o linguístico e, negando-lhes a possibilidade de alcançar poder por intermédio da língua.

É preciso desconstruir o simbólico em torno da unicidade da língua. No centro desse debate temos a gramática normativa, onde certo e errado, aparecem como categorias de inclusão e exclusão. De um lado a língua ideal, de outro a real.

A ideal operacionalizada pela norma “cultura”, com todo seu formalismo, polida, homogênea, elegante, em detrimento da “não culta”, viva, dinâmica, flexível com tonicidades marcadas pelas variações, cingida na pluralidade de um povo, brasileiro.

Esse embate entre certo e errado, recentemente foi observado em um programa televisivo³, com um quadro de perguntas e charadas, onde pessoas famosas são convidadas para participar respondendo variados tipos de questionamentos. Numa dada pergunta, uma pessoa que estava na plateia, disse: “Lá em Minas se fala arupuca”!

Nitidamente percebe-se que, o apresentador, consciente ou inconsciente, lidou com o ideal e o real, ou seja, manifestou um dos típicos preconceitos linguístico, o regional. Ao dizer, “mas o certo é arupuca”⁴.

Na oralidade, assim como na escrita, é possível desenvolver um olhar sobre o adequado e o inadequado para determinadas situações de produção textual, ou para uma

³ No dia 24 de junho de 2019, domingo, foi ao ar pela emissora de SBT, no Programa do Silvio Santos, no quadro Jogo das três pistas, com Luciana Gimenez e Isabella Fiorentino.

⁴ A fala do apresentador, Silvio Santos.



conversa, por exemplo. Este é o intuito da sociolinguística educacional, (des) construir os mitos sobre a unilateralidade da língua.

A (des) construção da língua, em primeiro lugar, implica desconstruir mitos, ou seja, a máxima sobre o certo e o errado. A concepção que define norma culta como a língua correta, precisa ser desvendada e, a escola, é uma das instituições que precisa mobilizar os saberes linguísticos. Essa perspectiva teórica e metodológica é retomada por Fiorin, ao destacar que:

A Linguística é uma ciência porque ela, ao contrário da gramática, não se pretende normativa (não tem por finalidade prescrever como se deve dizer), mas se quer descritiva e explicativa (tem por objetivo dizer o que a língua é e por que é assim). Assim como um químico não diz que uma reação é certa ou errada, um biólogo não declara que determinada espécie não deveria existir ou que ela é feia (FIORIN, 2013. p. 37).

Esse paradigma sociocultural excludente inerente a própria construção da sociedade no regime colonial, deixa marcas divisórias em todas as categorias que compõem um quadro de qualidade de vida. Nesse quadro, onde a dignidade humana se instala, encontra-se a educação.

Garantida pela Constituição Federal com asserções na LDB (2016), em que o Art.1 especifica que “a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais” (BRASIL, 2016, p. 8).

Desse modo, entende-se que a língua perpassa por todos os espaços, privado e público, logo, as variações linguísticas devem ser respeitadas em sua integralidade. Corroborando com a concepção da sociolinguística, os PCN's de Língua portuguesa 1998, orientam as práticas educativas para que contemplem todas as situações de comunicação e suas variantes.



Entender a dinâmica da língua, com toda a sua vivacidade e transformação, significa romper conceitos históricos de dominação e poder, de desigualdade e exclusão social, para que o ser humano seja respeitado em sua essência.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico. O que é, como se faz.** Ed. 49. Edições Loyola. São Paulo. SP. 2007. Disponível em https://professorjailton.com.br/novo/biblioteca/preconceito_linguistico_marcos_bagno.pdf. Acesso em junho de 2019.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa / Secretaria de Educação Fundamental.** – Brasília, 1998.

_____. [Lei Darcy Ribeiro (1996)]. **LDB: Lei de diretrizes e bases da educação nacional:** Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. – 13. ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2016.

FIORIN, José Luiz (Org.). **Linguística? O que é isso?** São Paulo: Contexto, 2013.

HEYE, Jurgen; VANDRESEN, Paulino. Línguas em Contato. [Org] Suzana Marcelino Cardoso. **Quinhentos anos de história linguística no Brasil.** Salvador, 2006.

LABOV, Willian. **Padrões sociolinguísticos.** Tradução de M. Bagno; M. M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

SCHMIDT, Cristiane. Língua: na perspectiva da mudança e da diversidade. **Web-Revista SOCIODIALETO.** Mestrado em Letras. UEMS. Campo Grande. V. Núm. 15. maio, 2015.

SILVA, Sidney de Souza (Org.). **Línguas em contato:** cenários de bilinguismo no Brasil. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

Recebido Para Publicação em 29 de setembro de 2019.

Aprovado Para Publicação em 23 de dezembro de 2019.